

POTENCIALIZAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS NA CONSTANTE ATUALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO COLETIVO¹

Zandra Marina de Holanda Monteiro²
Karla Regina Macena Pereira Patriota³
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

A digitalização e o processo de compressão e descompressão das mensagens tornaram possível a transmissão de um grande volume de informações, além da catalogação, armazenamento e compartilhamento no ambiente virtual. A interação dos indivíduos nesses espaços ocorre devido às afinidades de interesses e conhecimentos, auxiliando no processo de capacitação do outro. A tecnologia, assim como a comunicação e o aprendizado, é um processo de constante mutação e aperfeiçoamento, no qual os usuários têm a possibilidade de moldar seus elementos de forma a adequá-los às suas reais necessidades. Neste trabalho, portanto, promovemos uma reflexão sobre a evolução da tríade “comunicação, tecnologia e conhecimento”, considerando que, hoje, as exigências do saber “abarcam aceleradamente” diversas competências e os meios impressos e estáticos já não conseguem acompanhar a velocidade das transformações nessa área.

Palavras-chave

Aprendizado; Conhecimento; Compartilhamento; Comunicação; Tecnologia.

Introdução

É senso comum dizer que a Web 2.0, ou Web Colaborativa parte de duas idéias principais. A primeira é que a Internet pode funcionar como uma plataforma, não como um amontoado de documentos digitais, e a outra é que o que vale não é o conteúdo em si, mas o que os usuários fazem com ele. A interação entre ambos significa que, em poucos anos,

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático “Educação e Aprendizagem”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Graduanda no curso de Comunicação Social – Pub. e Propaganda, 7º período, da UFPE. Monitoria na disciplina “Mídia”. E-mail: mmikael84@gmail.com.

³ Doutora em Sociologia e Mestre em Comunicação pela UFPE, professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – PPGCOM/UFPE. E-mail : k.patriota@gmail.com.

serviços *on-line* poderão substituir programas de *desktops* usados atualmente, assim como permitir maior acesso e troca de dados pela ação dos usuários (FELITTI, 2005).

Segundo Patriota e Pimenta (2008), tal cenário é o ambiente, mais do que propício para o surgimento das comunidades que estabelecem relações nesse espaço virtual através de meios de comunicação à distância. Dessa forma, essas comunidades são caracterizadas pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações no ambiente virtual, considerando que um dos principais fatores que potencializam a criação de comunidades virtuais é a dispersão geográfica dos membros. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs minimizam as dificuldades relacionadas a tempo e espaço, promovendo o compartilhamento de informações e a criação de conhecimento coletivo.

O fato é que as redes comunicacionais tecnológicas colocam em contato pessoas e situações que, devido a questões geográficas ou temporais, jamais viriam a se encontrar. Com isso, os indivíduos passam a conhecer novas realidades e esse infinito leque de possibilidades influencia na vida de todos, trafegando ou não, na rede. As situações se interconectam e é preciso buscar alternativas para as questões que emergem nesse cenário. Quando conectadas, as pessoas procuram, consomem e postam conteúdos dos mais diversos, seja tomando por base seu próprio histórico ou acessando o repertório dos demais usuários.

Com efeito, o armazenamento de conteúdo digital nos ambientes virtuais e o acesso dos usuários a tais informações, além da possibilidade de contribuição individual, geram uma nova forma de produzir e atualizar mensagens, além da propagação do conhecimento. Para situações cada vez mais específicas ou *sui generis*, respostas personalizadas são pensadas para responder às demandas customizadas. É o conhecimento personalizado, possível de ser acessado em qualquer momento, através de qualquer máquina conectada à rede - e que foi forjado para sanar as necessidades dos novos tempos.

Assim sendo, os novos indivíduos comunicativos buscam informações cada vez mais segmentadas e que respondam a pleitos bastante individuais. Há um partilhar específico transmitido em rede para comunidades virtuais também específicas e que, através de seus membros, com vivências particulares ou por observação e pesquisa, voltam suas atenções na provisão de respostas para diversos questionamentos. Todo esse processo, através da armazenagem em um banco de dados, fica registrado, facilitando o acesso posterior de outros indivíduos que tenham questionamentos semelhantes, ou mesmo interesse por determinado

assunto. Constrói-se assim um peculiar repertório “físico”, disponibilizado a partir do conhecimento coletivo partilhado.

O começo de tudo: da linguagem oral à sistematização da escrita

A linguagem oral foi fundamental para o desenvolvimento de uma forma de comunicação mais complexa “ao ensejar uma variedade de inflexões e intensidades que enriqueceriam as possibilidades comunicativas” (BELMIRO, 2002, p. 13). Ora, tal circunstância tem pautado todas as formas básicas de comunicação, constituindo-se não apenas como um reflexo da realidade comunicacional, mas também como expressão do sistema de linguagem que possibilitou o salto do conhecimento sensorial ao racional.

Todavia, na contemporaneidade, deparamo-nos com mudanças contextuais inerentes às tecnologias disponíveis – o que nos faz refletir sobre as novas modalidades de transmissões de mensagens no processo comunicacional.

Com efeito, nas sociedades de tradição oral, as mensagens eram captadas pelo receptor no mesmo contexto espaço-temporal no qual foram emitidas, e o entendimento era facilitado pelo fato de que os integrantes possuíam basicamente o mesmo universo de significação. Por isso, não é difícil deduzir a importância de que os membros de uma comunidade se mantivessem geograficamente unidos para transmitir conhecimentos que garantiriam a preservação daquele grupo. Contudo, fatores pessoais e também externos à narração faziam com que, a cada repetição, as informações se alterassem de alguma forma e, como não havia um marco fixo, não havia, portanto, a possibilidade de recuperação da mensagem. “O contador adaptava sua narrativa às circunstâncias de sua enunciação, bem como aos interesses e conhecimentos de sua audiência.” (LÉVY, 1999, p. 89).

Assim, o registro das informações em suportes físicos veio a facilitar, sem dúvidas, a construção do conhecimento e sua difusão, permitindo um distanciamento entre o contexto de produção e o de recepção do conteúdo.

A escrita abriu um espaço de comunicação desconhecido pelas sociedades orais, no qual tornava-se possível tomar conhecimento das mensagens produzidas por pessoas que se encontravam a milhares de quilômetros, ou mortas há séculos. (LÉVY, 1999, p. 114).

Dessa forma, por conta da possibilidade de disponibilização dos dados em forma de registros, todos teriam acesso à mesma informação e no instante em que desejassem. Haveria

a manutenção das tradições culturais dos mais diversos povos e, em contrapartida, a independência na construção do conhecimento individual. Além disso, a linguagem empregada na escrita se propunha a ser mais universal, pois o autor buscava atingir não apenas aqueles que conviviam com ele, mas pessoas que lhe eram desconhecidas, mesmo de outros lugares e outras épocas. Para isso, houve uma mudança na maneira de articular o conhecimento, de forma a facilitar a interpretação e o entendimento.

Obviamente, com o passar do tempo, mecanismos de armazenamento e controle de conteúdos, além da busca pelas informações, foram simplificados graças à segmentação dos livros por assunto e a presença do índice, que direcionavam a pesquisa e expunham o leque de temas a serem encontrados em qualquer volume de um texto escrito.

E mesmo que no final do século XIII, houvesse a crença de que o conhecimento seria totalizável e que era possível dominar o conjunto dos saberes⁴, posteriormente, com a descoberta da diversidade e grandeza do mundo, principalmente no século XX, com seus inúmeros avanços tecnológicos e conquistas dos mais diversos campos científicos, a idéia de dominar o conhecimento se mostrou ilusória.

Digitalização das Informações

Imaginemos a existência de uma estante. E a cada dia de manhã, vinte novos livros aparecem nela. O problema é que os tais “novos livros” não têm capa, e é preciso folheá-los e vê-los para descobrir o que são, ou que conteúdo possuem. Estes livros são colocados na estante ainda sem nenhum tipo de referência, até que no outro dia, mais vinte novos livros estão lá, além dos que foram folheados no dia anterior. E todas as vezes que se volta os olhos para a estante, mais quarenta novos livros sem capa, esperando por classificação e títulos. E assim, nos dias que se seguem, centenas de outros exemplares surgem. O volume de informação é tamanho que qualquer pessoa que consulte a referida estante se perde facilmente entre os catalogados, e é cada vez mais difícil encontrar o que se procura, sem os títulos a indicarem o caminho. Assim seria o futuro da Web 2.0 sem nenhum sistema de indexação. Ou seja, sem as *tags*⁵.

⁴ Baseando-se nisso, Diderot e d’Alembert, após 21 anos de pesquisa, publicaram Encyclopédie.

⁵ “Etiquetas”, em inglês. São palavras-chaves (também chamadas de marcadores), usadas para classificar um conteúdo e facilitar que outros usuários o encontrem.

A digitalização de informações anteriormente analógicas, traduzindo-as em linguagem binária, viabilizou o processo de catalogação (através de etiquetas que indicam a existência dos conteúdos), e possibilitou a compressão e descompressão das mensagens e de sua reconstituição, (tornando praticável o envio de grandes “pacotes” contendo os mais diversos conteúdos pela rede).

Além disso, como as informações estão codificadas em apenas “0 ou 1”, os computadores as manipulam com extrema velocidade, por meio de cálculos executados em sua própria máquina, ou se utilizando da capacidade de memória e cálculo de outros computadores, conectados em rede.

Essa capacidade de reconfiguração e fluidez, característica da digitalização das informações, estende-se ao conteúdo, gerando blocos de mensagens interligados, editáveis e recombináveis, que apenas serão definitivamente concluídos na mente do receptor - mesmo que as perspectivas para a “Web 3.0” ou “Web Semântica”⁶ apontem para o surgimento de uma espécie de “indexação automática e inteligente”- que, como ferramenta em conjunto com os bancos de dados interligados e multiplataforma, promete ligar praticamente qualquer assunto disponível na rede, desde que interligados através dos sistemas baseados em ontologias⁷ e auxiliados por pequenos programas que poderão fazer com que os diversos sites se comuniquem, uniformizando campos de dados e alimentando uns aos outros de novas informações e tendências. Ainda assim são os hipertextos que promovem a interação do leitor com o texto, estimulando a criação de *links* individuais e de combinações entre os elementos disponibilizados pelo autor.

O autor digitaliza a informação e a torna acessível na rede; o leitor forma, a partir de uma série de fatores, seu próprio texto, tomando por base os *links* preexistentes e criando novos. Assim, aquele que seria apenas o receptor do conteúdo enviado, passa a fazer parte da redação de um novo texto, o qual está sendo lido por ele e concluído em sua mente. “Tudo se dá como se o autor de um hipertexto constituísse *uma matriz de textos potenciais*” (LÉVY, 1999, p. 57) e coubesse ao leitor combinar esses elementos, de forma a gerar um conteúdo que tem sentido para ele e que não foi idealizado pelo criador do hipertexto.

⁶ Enquanto na forma a Web Semântica seria muito parecida com o que temos hoje, na prática seu uso se tornaria radicalmente diferente: em vez de um catálogo de consulta onde é difícil acessar os dados corretos e interpretá-los, a Web 3.0 seria um guia que poderia até municiar a fundação para sistemas que possam raciocinar de forma humana.

⁷ Em Ciência da Computação e Ciência da Informação, uma ontologia é um modelo de dados que representa um conjunto de conceitos dentro de um domínio e os relacionamentos entre estes. Uma ontologia é utilizada para realizar inferência sobre os objetos do domínio.

“A relação entre o emissor e o receptor da mensagem é dissolvida, abrindo-se, assim, o universo de criação e interpretação dos signos, inviabilizando a determinação de um sentido prévio” (BELMIRO, 2002, p. 17). As leituras anteriores e vivências, entre outros fatores, irão compor o repertório a ser utilizado, juntamente com as possibilidades apresentadas pelo texto lido, na formação do novo texto.

O foco do procedimento de absorção do conhecimento passa a incidir sobre o intérprete, pois será este quem irá trabalhar os dados recebidos e construir suas inferências, utilizando-se de fatores pessoais e únicos durante o processo de construção. Cada indivíduo atua de forma singular perante o conteúdo e gera, interna ou externamente a seu pensamento, um novo texto. A partir do momento em que esse novo material é disponibilizado para outros leitores, eles repetirão o mesmo processo e se forma um ciclo de produção/recepção de informações.

A nova universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua veiculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente. (LÉVY, 1999, p. 114).

Ciberspaço, Comunidades Virtuais e apreensão do conhecimento

Para Pierre Lévy (1999), o ciberespaço pode ser definido como um espaço aberto pela conexão entre os computadores para transmissão de informações digitais e que coloca em sinergia competências e dispositivos informacionais (de criação, gravação, comunicação e simulação).

Essa facilidade no trânsito das informações cria novas formas de interação. Agora, não mais em função do nome, classe social ou posição geográfica de um indivíduo, mas sim, a partir dos centros de interesse. “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 1999, p. 127).

Se antes pessoas com os mesmos interesses ficavam dispersas pelo mundo, talvez sem nunca terem a oportunidade de compartilhar potencialidades, agora elas têm um espaço permanente de contato, organização e atualização de conteúdo. Nos grupos de discussão, cada membro pode ler e escrever a respeito de determinados temas e quando há um sistema de

indexação e armazenamento das contribuições individuais, esses grupos funcionam como base de dados, memórias constantemente alimentadas.

A responsabilidade de fornecer informações verdadeiras e úteis é individual, mas o fato de ser uma contribuição *on-line* não isenta os emissores das mensagens de passar pelo julgamento dos demais membros do grupo, afinal a moral implícita é a reciprocidade: cada um fornece as informações que virão a servir ao outro, num ciclo que fortalece o conteúdo do grupo através da participação.

A informação que circula nos grupos é personalizada, pois foi gerada para atender a uma determinada demanda individual e foi forjada também por um membro que, através de seu estilo de escrita, suas contribuições anteriores, suas competências, deixa transparecer sua personalidade. É uma pessoa que responde aos anseios cognitivos de outra pessoa, então a mensagem tende a ser bem mais eficaz na elucidação das questões apresentadas pelo outro, é uma resposta direcionada. E mesmo que inicialmente tais mensagens sejam propagadas em larga escala e em uma velocidade impressionante, mecanismos de controle, busca e catalogação estão cada vez mais disponíveis e fáceis de serem acessados a fim de que as informações possam ser disponibilizadas e consumidas eficaz e coletivamente.

“Antes de mais nada, jamais pensamos sozinhos, mas sempre na corrente de um diálogo ou multidialogo, real ou imaginado.” (LÉVY, 1996, p. 97). O questionamento do outro estimula os demais à pesquisa e/ou armazena em suas mentes as características da situação apresentada. Quando o próprio indivíduo vivenciar, de alguma forma, um momento semelhante, irá recorrer às informações fornecidas anteriormente e que servirão para seu auxílio.

Novas competências, novos modos de estudo e trabalho

Uma consequência da interconexão é a velocidade nas transformações das atividades política, econômica e cultural, pois a integração mundial e o dinamismo alcançam todas as áreas e fazem com que os conhecimentos adquiridos no início de uma carreira profissional, por exemplo, tornem-se obsoletos em relação à demanda desse novo mercado.

É cada vez mais forte a integração entre prática e teoria, estudo e trabalho. “A abstração ou a teoria, enquanto atividades cognitivas têm, portanto, uma origem eminentemente prática” (LÉVY, 1999, p. 71). A aplicação dos conhecimentos teóricos aperfeiçoa a experiência e a vivência orienta novos ramos de estudo. O trabalho se torna uma

fonte de aprendizado e a oportunidade de transmissão de conhecimentos e produção de saberes. Em outras palavras, as “significações” do conhecimento constituem, por sua formatação em termos temporais e situacionais, parte componente da memória coletiva e da construção dos saberes; essas significações não são eternas, nem sem movimentos. Elas se fragmentam, se constroem, se rompem, se completam e mudam, mas são imprescindíveis como fundação; como memória, são verdadeiramente as condições do conhecimento coletivo. Suportadas pelo ciberespaço, tecnologias intelectuais maximizam, exteriorizam e alteram diversas funções cognitivas humanas como, por exemplo, a própria capacidade de memorização.

As memórias são concretizadas em arquivos digitais, facilmente reproduzíveis e transferíveis, e passam a ser compartilhadas entre milhões de indivíduos, contribuindo para potencializar a inteligência coletiva humana. Ou seja, os suportes digitais não substituem capacidades humanas, mas as prolongam e transformam. “No uso normal da tecnologia (ou seja, de seu corpo em extensão vária), o homem é perpetuamente modificado por ela, mas em compensação sempre encontra novos meios de modificá-la” (MCLUHAN, 1995, p. 65). O usuário adapta a tecnologia às suas necessidades e também é por ela modificado, na descoberta de novas potencialidades, por exemplo.

O ciberespaço propicia, portanto, “a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde que esta se situe” (LÉVY, 1999, p. 167). Há uma capacitação recíproca entre os indivíduos através do meio digital, onde cada um contribui com suas experiências e competências para a formação e desenvolvimento do outro, de forma diversificada e personalizada. Ou seja, o conhecimento é, ao mesmo tempo, acessível a todos e focado nas necessidades do indivíduo que o procura.

Passa a ser uma responsabilidade pessoal autogerenciar seu desenvolvimento e reconhecer suas potencialidades. As variadas competências, adquiridas ao longo de experiências únicas, compõe as memórias coletivas e formam bancos de dados para esclarecer questões de pessoas que passam por situações semelhantes.

Com a interconexão entre as organizações, as mudanças na economia, as evoluções técnica e científica, o saber está em constante mutação, acompanhando essas tendências e o trabalho é, cada vez menos, uma atividade simplesmente repetitiva. A cada desafio que surge são exigidas do profissional competências que, muitas vezes, não foram desenvolvidas no ensino “tradicional” empurrando-o para a busca das informações que necessita nesses bancos

de dados virtuais. Por isso, atualmente, o principal diferencial das instituições é a gestão do saber empregada por seus colaboradores, é a forma pensada por eles para processar os dados encontrados e os transformar em soluções aplicáveis à realidade daquela determinada organização.

A novidade, nesse domínio, é pelo menos tripla: deve-se à velocidade de evolução dos saberes, à massa de pessoas convocadas a aprender e produzir novos conhecimentos e, enfim, ao surgimento de novas ferramentas (as do *ciberespaço*) que podem fazer surgir, por trás do nevoeiro informacional, paisagens inéditas e distintas, identidades singulares, específicas desse espaço, novas figuras sócio-históricas. (LÉVY, 2007, p. 27).

Assim, em meio da toda essa diversidade e emergência de potencialidades, a expressão das variadas capacidades individuais expande as possibilidades de atuação das pessoas, não mais restritas a uma profissão ou categorizadas, mas em constante desenvolvimento pessoal.

Considerações finais

A comunicação se desenvolveu de forma a atender às necessidades dos indivíduos, já que, sendo uma ferramenta para manutenção e sobrevivência da espécie, era de fundamental importância que se adequasse completamente ao grupo que a manipulava. Inicialmente, a oralidade foi a maneira encontrada para a transmissão de carga cultural, porém diversos fatores impediam que a mensagem fosse sempre transmitida da mesma forma ou anulavam o recurso de retorno ao conteúdo inicial - além de concentrar a possibilidade do saber em determinadas pessoas que o transmitiam de acordo com seus interesses.

A escrita modifica esse cenário, pois permite que as mensagens sejam transmitidas da mesma forma para os mais diversos públicos, ao mesmo tempo em que distancia o receptor do contexto espaço-temporal no qual o emissor compôs o conteúdo, tornando possível o acesso a informações registradas nas mais diversas épocas e lugares. O leitor pode informar-se no momento que lhe for mais conveniente, o indivíduo é independente para conhecer.

Ora, o conhecimento é definido como a apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados, tendo em vista dominá-los e utilizá-los e, assim, de forma semelhante à comunicação e a tecnologia, tem a função de prolongar capacidades humanas e proporcionar o desenvolvimento das potencialidades individuais. Muito embora, seja justamente por meio da comunicação tecnológica que o compartilhamento de informações

assuma a possibilidade da transmissão universal, na qual todos têm acesso à mesma mensagem e podem contribuir para sua atualização e adequação.

Agora as pessoas não mais se agrupam de acordo com seu nome ou proximidade geográfica. São os interesses comuns que as agregam em comunidades virtuais, que geram a pertença ao grupo. Membros compartilham experiências e dúvidas numa capacitação mútua e as informações são armazenadas em bancos de dados que podem ser facilmente atualizados. São pessoas que trocam, distribuem e consomem conhecimentos com outras pessoas, em multidiálogos alicerçados nas experiências e repertórios pessoais.

Dessa forma, se refletirmos sobre as demandas do tempo atual, cada vez mais conectado em rede e com acesso a todo tipo de informação e conhecimento, chegaremos a conclusão que apenas a formação acadêmica tradicional e o conhecimento propagado em livros já não atendem às demandas profissionais que exigem atualizações constantes e diálogos construtivos entre pares – já que, normalmente, busca-se, no contato com outras pessoas, a visualização da experiência relatada, de forma a adequar pontos a nossa realidade e encontrar soluções aplicáveis a nós mesmos. Tal processo é largamente facilitado na comunicação tecnológica da Web Colaborativa pelo fato de que, ciente da dúvida explicitada, surgem autores-produtores de soluções elaboradas como respostas que objetivam elucidar problemas específicos. Respostas personalizadas para erradicar as dúvidas reais.

Esse constante desenvolvimento do indivíduo conectado, com essência de consumidor e produtor de conteúdo, prolonga capacidades e compartilha potencialidades, gerando uma rede de conhecimento inesgotável na qual cada um, individualmente, pode fazer sua contribuição e interagir com os demais. Não há mais detentores do saber. Todos têm vivências únicas que compõe seus repertórios e podem contribuir de maneira singular. Agrupadas de acordo com seus interesses, as pessoas expõem suas mais diversas dúvidas e os outros, que têm os mesmos anseios, procuram elucidar essas questões.

Todas as mudanças trazem consigo certa dose de desconfiança e talvez um pouco de medo das possíveis novidades, mas é preciso que as instituições, assim como cada indivíduo particularmente, enxerguem nos avanços tecnológicos possibilidades de melhoria e capacitação pessoal e profissional. Fazer um bom uso do ambiente virtual é tarefa de cada um, uma responsabilidade particular. A tecnologia não irá estancar, sua tendência é de desenvolvimento cada vez mais rápido e oferta de mais recursos para seus usuários. A ubiquidade garante sua presença invisível nos mais diversos campos da vida cotidiana - e essa é uma realidade incontornável.

Referências bibliográficas

BELMIRO, Ângela. Fala, escrita e navegação: caminhos da cognição. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FELITTI, Guilherme. **Internet versão 2.0**, 2005. Disponível em <http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia_especial.php?id_secao=17&id_conteudo=124>. Acesso em: 13 jul. 2009.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1995.

PATRIOTA, Karla e PIMENTA, Rodrigo. **Da Mídia 2.0 para a Mídia 3.0: perspectivas da próxima onda na Web**. Trabalho apresentado no NP de Publicidade e Propaganda, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.